

Aquisição de segunda língua e mudança linguística: O caso dos sujeitos nulos

L2 acquisition and linguistic change: The case of null subjects

Joana Teixeira¹, Alexandra Fiéis¹

¹ Universidade NOVA de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas | Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

Abstract

This study investigates parallels between L2 acquisition and language change, exploring the hypothesis that the transition from a null subject grammar to a non-null subject grammar follows common principles in both contexts. The study focuses on the acquisition of L2 English by native speakers of European Portuguese, comparing it with diachronic change data from Brazilian Portuguese. 64 Portuguese learners of L2 English (levels B1 to C2) and 12 native English speakers completed a speeded acceptability judgment task that crossed the variables *pronominal subject* (overt vs. null) and *referentiality* (2p vs. 3p [+human] vs. 3p [-human] vs. expletive). The results show that, unlike native English speakers, Portuguese learners of L2 English do not systematically reject null subjects. As proficiency increases, a gradual decrease in the acceptance of null subjects is observed, progressing from the [+referential] to the [-referential] end of the Referential Hierarchy. Our findings show that referentiality guide linguistic development in L2 acquisition (L1 EP – L2 English) and diachronic change (in BP).

Keywords: L2 acquisition, linguistic change, null subjects, European Portuguese.

Resumo

Este estudo investiga paralelismos entre a aquisição de L2 e a mudança linguística, explorando a hipótese de que a transição de uma gramática de sujeito nulo para uma gramática de sujeito obrigatório segue princípios comuns nos dois contextos. O estudo centra-se na aquisição de inglês L2 por falantes nativos de português europeu, comparando-a com dados da mudança diacrónica no português brasileiro. 64 aprendentes portugueses de inglês L2 (níveis B1 a C2) e 12 falantes nativos de inglês realizaram uma tarefa de juízos de aceitabilidade rápida que cruzou as variáveis *sujeito pronominal* (pleno vs. nulo) e *referencialidade* (2p vs. 3p [+humano] vs. 3p [-humano] vs. expletivo). Os resultados mostram que, ao contrário dos falantes nativos de inglês, os aprendentes portugueses de inglês L2 não rejeitam sistematicamente sujeitos nulos. À medida que a proficiência aumenta, observa-se uma redução progressiva da aceitação de sujeitos nulos, que progride do extremo [+referencial] para o extremo [-referencial] da Hierarquia de Referencialidade. Os nossos resultados mostram que a referencialidade guia o desenvolvimento linguístico tanto na aquisição de L2 (PE L1 – inglês L2) como na mudança diacrónica (no PB).

Palavras-chave: aquisição de L2, mudança linguística, sujeitos nulos, português europeu.

1. Introdução

A aquisição de segunda língua (L2) e a mudança linguística partilham traços fundamentais, como a instabilidade, a variação e a reestruturação das gramáticas mentais dos falantes. Estes fenómenos refletem processos de adaptação linguística, nos quais os sistemas gramaticais são reconfigurados em resposta a alterações no input, no contexto de uso ou nas capacidades cognitivas dos indivíduos. Vários autores têm sugerido que, apesar das diferenças entre os domínios da aquisição e da mudança¹, os mecanismos subjacentes à reestruturação gramatical podem ser, em muitos casos, análogos ou até partilhados (e.g., Donaldson, 2022).

Neste sentido, Meisel (2011) propõe uma abordagem integrada ao estudo do desenvolvimento linguístico, defendendo que a tradicional compartimentação entre áreas como a aquisição monolíngue e bilingue de língua materna (L1), a aquisição de L2, a aquisição atípica e a mudança diacrónica pode limitar a compreensão dos processos envolvidos. Para o autor, uma visão mais abrangente e comparada entre estas áreas permitirá identificar padrões de reorganização gramatical semelhantes que orientam o desenvolvimento linguístico. Nas palavras do autor:

[...] the division of labour among research disciplines [monolingual and bilingual first language acquisition, second language acquisition, impaired language acquisition (SLI), the genesis of pidgins and creoles, and diachronic change] may represent an obstacle to achieving an adequate understanding of the driving forces and the mechanisms determining linguistic development. In fact, it is very likely that deeper insights into the mechanisms of development can only be attained by taking into consideration not merely the particularities of one type but also the commonalities across several or all of them. (Meisel, 2011, p. 122)

No sentido de testar esta proposta, o presente estudo explora a hipótese de que a transição de uma gramática de sujeito nulo para uma gramática de sujeito obrigatório pode constituir um processo semelhante tanto em contextos de mudança diacrónica como em aquisição de L2. Ao investigar comparativamente estes dois contextos, pretende-se contribuir para uma abordagem mais integrada do desenvolvimento linguístico e para o esclarecimento das condições sob as quais as gramáticas são passíveis de mudança estrutural.

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: na secção 2, apresenta-se um enquadramento teórico sobre pronominalização e referencialidade em dados diacrónicos e em aquisição de L2; na secção 3, apresenta-se a questão de investigação e a metodologia do estudo, com descrição dos participantes, da tarefa experimental, e da análise estatística dos resultados; na secção 4, descrevem-se os resultados; e, finalmente, na secção 5, discutem-se os resultados e apresentam-se as principais conclusões.

2. Pronominalização e referencialidade

A relação entre pronominalização e referencialidade tem sido amplamente discutida na literatura (e.g., Ariel, 1990, 2001; Cyrino et al., 2000; Fukumura & van Gompel, 2010), uma vez que o uso de pronomes é condicionado por fatores semânticos e pragmático-discursivos, principalmente no que diz respeito à acessibilidade e à saliência dos referentes no discurso.

Trabalhos como os de Ariel (1990, 2001) mostram uma correlação sistemática entre a forma da expressão anafórica e o grau de acessibilidade do antecedente no discurso: quanto mais acessível (isto é, quando já foi introduzido no discurso) ou saliente sintaticamente for um antecedente no contexto discursivo, mais reduzida tende a ser a forma morfossintática usada para o referir. A acessibilidade de um antecedente depende, entre outros fatores, da sua posição estrutural (posição de sujeito mais acessível do que posição não sujeito), do seu

¹ Apesar dos paralelos, é importante sublinhar algumas diferenças cruciais. Na mudança diacrónica, o processo é gradual e afeta toda a comunidade linguística, ocorrendo ao longo de gerações e interagindo com fenómenos sociolinguísticos e estilísticos. Já na aquisição de L2, a mudança afeta gramáticas individuais em contacto com uma língua-alvo estável, sendo influenciada por fatores como idade de aquisição, proficiência, contexto de exposição e interferência da L1.

estatuto discursivo (tópicos mais acessíveis do que não tópicos) e, segundo alguns autores (e.g., Fukumura & van Gompel, 2010; Morgado et al., 2018), dos seus traços de animacidade (+ humano mais acessível do que – humano).

A pronominalização pressupõe que o referente seja suficientemente identificável, dispensando formas mais explícitas. Os pronomes surgem, assim, associados a altos níveis de acessibilidade, o que significa que ocupam uma posição baixa na hierarquia de formas referenciais. Este princípio é central para a economia referencial e para a estruturação do discurso, e tem implicações tanto sincrónica quanto diacronicamente.

Estudos diacrónicos como os de Cyrino et al. (2000) mostram que alterações morfossintáticas, como o enfraquecimento da morfologia verbal, levaram a que o português do Brasil (PB) se tornasse uma língua de sujeito nulo parcial e afetaram diretamente os mecanismos de pronominalização, sendo estas mudanças influenciadas pela referencialidade. Por outro lado, trabalhos sobre L2 indicam que os aprendentes revelam dificuldades em eliminar a possibilidade de sujeito nulo na aquisição de línguas de sujeito obrigatório, havendo indícios de uma potencial influência da referencialidade neste processo.

A análise articulada de dados diacrónicos e de aquisição de L2 permitirá, assim, uma compreensão mais abrangente dos fatores que condicionam o comportamento pronominal nas línguas naturais, conforme será explorado nas subsecções seguintes.

2.1. Dados diacrónicos

A investigação em sintaxe diacrónica tem mostrado que a referencialidade desempenha um papel relevante nos processos de pronominalização em diferentes línguas. O PB constitui um caso paradigmático neste contexto. A investigação sobre o PB indica que esta língua tem evoluído gradualmente de um sistema de sujeito nulo consistente, semelhante ao português europeu (PE), para um sistema de sujeito nulo parcial (cf. Cyrino et al., 2000).

No PB contemporâneo, observa-se uma distinção clara entre sujeitos expletivos e sujeitos referenciais no que respeita à possibilidade de omissão. No caso dos sujeitos expletivos, a forma nula é obrigatória, como se mostra em (1), em que a inserção de um pronome sujeito (*ele*) resulta em agramaticalidade:

(1) (*Ele) parece que (*ele) vai chover

Por outro lado, as formas nulas referenciais têm vindo a desaparecer de forma gradual desde o século XIX. No PB atual, especialmente nas variedades urbanas e formais, é comum que sujeitos referenciais sejam realizados por pronomes plenos, mesmo em contextos em que, historicamente, seriam nulos. Este fenómeno reflete uma mudança neste sistema linguístico. Consideremos o exemplo (2):

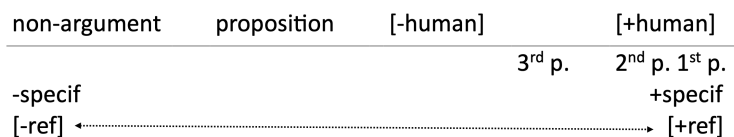
(2) Você_i me disse que você_i está morando em Copacabana.

Neste caso, a repetição do pronome *você* em ambas as orações mostra a preferência atual pela realização explícita do sujeito, mesmo quando o referente se mantém o mesmo.

Segundo Cyrino et al. (2000), a mudança de um sistema de sujeito nulo consistente para um sistema de sujeito nulo parcial foi guiada pela Hierarquia de Referencialidade (HR) apresentada na Figura 1, em que a 1.^a e a 2.^a pessoas, com o traço inerente [+humano], ocupam as posições mais altas, e o expletivo a posição mais baixa.

Figura 1

Hierarquia de Referencialidade (Cyrino et al., 2000, p.59)

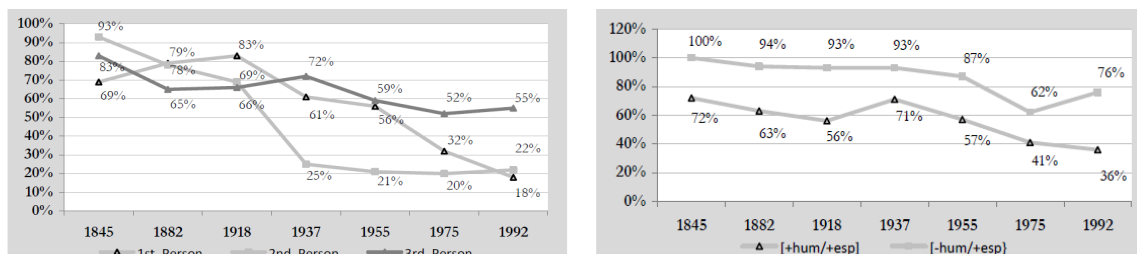


De acordo com a Hipótese do Mapeamento Implicacional, formulada por Cyrino et al. (2000), “the more referential, the greater the possibility of a non-null pronoun”, e “a null variant at a specific point on the scale implies null variants to its left in the referential hierarchy” (Cyrino et al., 2000, p. 59). Assim, esta hipótese sugere que há uma hierarquia na pronominalização baseada na referencialidade, ou seja, se uma expressão com baixo grau de referencialidade pode ser pronominalizada, então expressões com maior grau de referencialidade também o poderão ser.

As propostas de Cyrino et al. (2000) relativas à trajetória de mudança da pronominalização no PB têm por base estudos diacrônicos. Como se observa nas Figuras 2 e 3 de Duarte e Varejão (2013), dados baseados em corpora revelam uma tendência de diminuição progressiva do uso de sujeitos nulos ao longo da história do PB (cf. Cyrino et al., 2000; Duarte, 1995; Duarte & Silva, 2016; Duarte et al., 2012). Esta diminuição é mais acentuada no caso de sujeitos nulos de 1.^a e 2.^a pessoas, que se tornaram residuais no PB contemporâneo. Já no caso dos sujeitos nulos de 3.^a pessoa, a redução é mais gradual: sujeitos nulos [+humanos] foram perdidos de forma mais rápida e em maior extensão do que sujeitos nulos [-humanos]. Importa notar que esta mudança não afetou os sujeitos nulos expletivos, que estão no extremo [– referencial] da HR e continuam a ser nulos em PB. Assim, diacronicamente, a eliminação dos sujeitos nulos progride ao longo da HR da direita para a esquerda.

Figuras 2 e 3

Sujeitos Nulos (vs Plenos) e HR na Diacronia do PB (Duarte & Varejão, 2013)

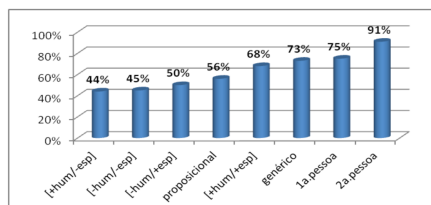


A redução significativa da produtividade dos sujeitos nulos em PB é tradicionalmente explicada pela perda de traços ricos de concordância verbal, que possibilitariam a identificação do sujeito com base na morfologia verbal (cf. Barbosa et al., 2005; Rizzi, 1982). A perda da riqueza de concordância verbal estaria na origem da mudança paramétrica observada, favorecendo a emergência de uma gramática mais próxima das gramáticas de línguas de sujeito obrigatório. A realização plena do sujeito torna-se, assim, uma estratégia para garantir a clareza e evitar ambiguidades.

A mudança ilustrada nas Figuras 2 e 3 é ainda mais evidente nos dados do PB contemporâneo apresentados na Figura 4, em que se observa que a realização dos sujeitos é fortemente condicionada pela HR.

Figura 4

Sujeitos Plenos (vs Nulos) e HR PB Contemporâneo (Kato & Duarte, 2014, p. 5)

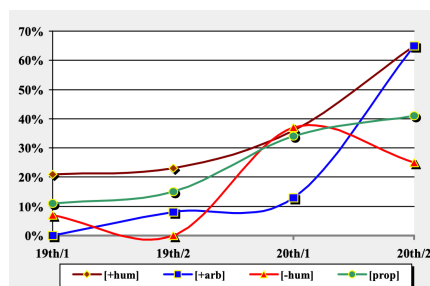


Como ilustrado na Figura 4, os pronomes sujeito de 1.^a e 2.^a pessoas, por serem geralmente humanos e discursivamente proeminentes, tendem a ser realizados. Por seu turno, os sujeitos de 3.^a pessoa, especialmente aqueles com referentes [-humanos] ou menor grau de referencialidade, são expressos com menor frequência. Este padrão é, pois, característico de uma gramática de sujeito nulo parcial.

De uma maneira geral, os dados diacrônicos e sincrônicos do PB são consistentes com a HR e a Hipótese do Mapeamento Implicacional. No entanto, pode-se contestar a inclusão de proposições na HR, uma vez que, na diacronia do PB, não se observam diferenças significativas entre sujeitos proposicionais e sujeitos [-humanos], como se observa na Figura 5. Na 2.^a metade do século XX, contrariamente ao que a HR prediria, ocorrem mais sujeitos realizados proposicionais do que [-humanos] (cf. Figura 5). Como a Figura 4 demonstra, na sincronia do PB, também não se identificam diferenças relevantes entre sujeitos proposicionais e [-humanos]. Assim, os sujeitos proposicionais não serão considerados na presente investigação.

Figura 5

Sujeitos Plenos (vs Nulos) e HR na Diacronia do PB (Cyrino et al., 2000, p. 63)



Considerados em conjunto, os dados diacrônicos e sincrônicos indicam uma tendência crescente para a realização plena do sujeito, sugerindo uma reconfiguração da sintaxe do PB no sentido de uma maior explicitação referencial. Esse quadro é compatível com a ideia de que o PB contemporâneo ocupa uma posição intermédia entre uma gramática de sujeito nulo consistente, como o PE, e uma gramática de sujeito obrigatório, como o inglês, configurando-se como um sistema híbrido em transição, cujos mecanismos de pronominalização estão ainda em fase de reestruturação.

2.2. Dados de aquisição de L2

No domínio da aquisição de L2, os sujeitos pronominais têm sido alvo de muita investigação nas últimas décadas, em particular em pares de línguas em que a L1 é uma língua de sujeito obrigatório e a L2 uma língua de sujeito nulo.

Os estudos mostram que, nestes pares de línguas, a aquisição da sintaxe do sujeito tende a ocorrer sem grandes dificuldades (e.g., Al-Kasey & Pérez-Leroux, 1998; Licerias, 1989; Pérez-Leroux & Glass, 1999; Rothman & Iverson, 2007), pois os aprendentes adquirem sujeitos nulos relativamente cedo (e.g., Rothman, 2009; White, 1985). Contudo, continuam a apresentar dificuldades no conhecimento das condições discursivas que regulam a distribuição de sujeitos pronominais plenos, mesmo em níveis altamente avançados (e.g., Belletti et al., 2007; Lozano, 2006; Sorace & Filiaci, 2006).

Já para o percurso inverso, ou seja, quando a L1 é uma língua de sujeito nulo e a L2 uma língua de sujeito obrigatório, os poucos estudos existentes indicam que os aprendentes têm dificuldades na aquisição da sintaxe do sujeito até níveis avançados, continuando a admitir sujeitos nulos em L2 como o inglês (e.g., Ballester, 2013; Judy, 2011; Judy & Rothman, 2010; Prentza & Tsimpli, 2013; Teixeira, 2019). Este padrão é observado quando a L1 do aprendente é uma língua de sujeito nulo, mas não quando é uma língua de sujeito obrigatório como o francês (Teixeira, 2019), o que indica que as dificuldades resultam de influência da L1.

De acordo com Teixeira (2019), as dificuldades sintáticas exibidas pelos falantes nativos de línguas de sujeito nulo podem ser ultrapassadas, já que, no nível quase-nativo, os aprendentes exibem comportamentos idênticos aos dos falantes nativos de inglês, rejeitando de forma consistente tanto sujeitos expletivos quanto referenciais nulos. Estes resultados reforçam a ideia de que, apesar dos atrasos, a referencialidade e a pronominalização plena são adquiríveis, e que, com o aumento da proficiência, a influência da L1 tende a ser progressivamente atenuada. Para além disso, este estudo sugere que, nas interlínguas dos aprendentes, a eliminação dos sujeitos nulos de 3.^a pessoa é influenciada pela referencialidade, seguindo a ordem: sujeito nulo referencial [+humano] > sujeito nulo referencial [-humano] e sujeito nulo expletivo.

Os resultados preliminares de Teixeira (2019) sugerem, assim, que a eliminação de formas nulas poderá ocorrer do extremo [+referencial] para o [-referencial] da HR, sendo plausível assumir-se que a aquisição de uma L2 como o inglês por falantes nativos de PE, línguas com comportamentos contrastantes no que diz respeito à realização de sujeitos e ao uso de pronomes, envolve uma mudança comparável à que se verificou na diacronia do PB.

A análise conjunta dos dados diacrónicos e dos estudos sobre aquisição de L2 permite observar que, na pronominalização, a referencialidade parece emergir como um princípio organizador importante, quer nas mudanças linguísticas observadas ao longo do tempo, quer nos desafios enfrentados por aprendentes em contextos de aquisição. Em todo o caso, os estudos existentes sobre sujeitos em inglês L2 têm investigado maioritariamente sujeitos de 3.^a pessoa com antecedentes DP, sem explorar todas as possibilidades na HR. Além disso, os estudos realizados têm-se concentrado predominantemente em um ou dois níveis de proficiência — sobretudo nos níveis intermédio-alto e avançado — o que impede uma compreensão abrangente e sistemática do percurso de aquisição. Deste modo, permanece por responder a seguinte questão: na aquisição de uma língua de sujeito obrigatório como L2 por falantes de línguas de sujeito nulo como L1, a reestruturação das gramáticas destes falantes é guiada pela HR, à semelhança do que se observa na diacronia do PB?

3. Questão de investigação e metodologia

Considerando o estado da arte apresentado na secção anterior, bem como as lacunas identificadas, nesta secção apresentamos as questões orientadoras do estudo e descrevemos a metodologia adotada para a sua exploração empírica, destacando-se a descrição dos participantes, a tarefa experimental utilizada e a análise estatística dos dados.

3.1. Questão de investigação

Este estudo analisa o fenómeno da transferência de sujeitos nulos por falantes nativos de PE na aquisição do inglês como L2, com o objetivo de determinar em que medida a reestruturação da interlíngua é orientada pela HR. A investigação parte do pressuposto de que a HR — originalmente proposta, como vimos na secção

anterior, no âmbito da mudança linguística diacrónica — pode igualmente constituir um princípio orientador no desenvolvimento linguístico em contextos de aquisição de L2. Para isso, a nossa questão de investigação centra-se na possibilidade de os falantes de PE L1 transferirem a propriedade de sujeitos nulos para o inglês L2, uma língua de sujeito obrigatório, e procura determinar se, nesse processo, a reestruturação da interlíngua é guiada pela HR. A hipótese correspondente prediz que, se a HR tiver um papel no desenvolvimento linguístico dos sujeitos pronominais, tal como tem sido descrito para a mudança linguística, então os aprendentes tenderão a eliminar gradualmente os sujeitos nulos da sua interlíngua, partindo do extremo [+ referencial] e avançando para o extremo [- referencial] da hierarquia.

Com o objetivo de responder a esta questão, este estudo investiga a realização e omissão de sujeitos pronominais de diferentes tipos em inglês L2 por falantes nativos de PE, recorrendo a uma tarefa de juízos de aceitabilidade rápida.

3.2. Metodologia

Nas secções seguintes, descrevem-se os participantes do estudo (3.2.1), a tarefa utilizada (3.2.2) e os procedimentos adotados na análise estatística (3.2.3).

3.2.1. Participantes

Participaram neste estudo 64 falantes nativos de PE, distribuídos pelos seguintes níveis de proficiência em inglês L2: B1 ($n = 10$), B2 ($n = 18$), C1 ($n = 18$) e C2 ($n = 18$). Todos os participantes são filhos de falantes monolíngues de PE e têm esta língua como única L1. As suas idades variam entre os 18 e os 55 anos. À data do estudo, todos eram estudantes numa universidade portuguesa e nenhum tinha vivido num país de língua inglesa. Na maioria dos casos, a exposição ao inglês teve início no 1.º ciclo do ensino básico, sendo a média de idades de início de exposição igual ou superior a 5,9 anos em todos os subgrupos.

O nível de proficiência dos participantes foi determinado com base no último nível concluído no semestre imediatamente anterior à realização da tarefa experimental. Na universidade frequentada pelos participantes, os cursos de inglês estão organizados segundo o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (Conselho da Europa, 2001, 2020). Para assegurar que os estudantes sejam adequadamente agrupados conforme as suas competências linguísticas reais, esta instituição aplica testes de colocação em nível no momento da primeira matrícula. Dado que todos os participantes foram recrutados na mesma universidade, os níveis atribuídos oferecem uma base sólida para a análise realizada no presente estudo.

O estudo incluiu ainda um grupo de controlo constituído por 12 falantes nativos de inglês, com idades compreendidas entre os 19 e os 72 anos. Todos são filhos de falantes monolíngues de inglês e têm esta língua como única L1. A Tabela 1 apresenta os dados relativos à idade e à idade de início de exposição ao inglês de cada grupo, recolhidos através de um questionário sociolinguístico preenchido antes da realização da tarefa experimental.

Tabela 1

Dados sobre os Participantes

Grupo	N	Idade		Idade de início de exposição ao inglês	
		M	DesvPad	M	DesvPad
B1	10	29,3	12,9	7,8	2,3
B2	18	22,2	8,1	7,7	2,4
C1	18	20,4	1,6	5,9	2,1
C2	18	26,8	9,3	7,4	2,2
Nativo	12	41,9	17,5	0	0

3.2.2. Tarefa

Todos os participantes realizaram uma tarefa de juízos de aceitabilidade rápida, desenvolvida no software PsychoPy (Peirce et al., 2019) e administrada online através da plataforma Pavlovía. Esta tarefa tinha um desenho 2x4, cruzando as seguintes variáveis: *tipo de sujeito pronominal* – pleno vs. nulo – e *referencialidade* – 2.^a pessoa do singular vs. 3.^a pessoa do singular [+ humano] vs. 3.^a pessoa do singular [- humano] vs. expletivo. Em todos os itens experimentais, o sujeito pronominal estava encaixado numa oração subordinada adverbial causal iniciada por *because* e era antecedido por um sintagma preposicional ou um sintagma adverbial. A frase tinha a ordem matriz-subordinada e tinha entre 14 e 16 palavras. Os verbos estavam no passado simples. Nos itens experimentais que testavam sujeitos referenciais, os sujeitos estavam encaixados num contexto de manutenção de tópico, retomando o antecedente na posição de sujeito na oração matriz. Em nenhum item, havia ambiguidade quanto ao antecedente potencial do sujeito pronominal. Foi usado este contexto discursivo por favorecer a omissão de sujeitos no PE. A tabela 2 apresenta itens de exemplo para cada condição.

Tabela 2

Itens de Exemplo

Referencialidade	Tipo de sujeito	
	Nulo	Pleno
2p	You couldn't see her flaws, because at the time [-] were in love with her.	You didn't get the job interview because in the application you submitted an incomplete resume.
3p [+humano]	The defendant was acquitted by the jury, because during the trial [-] was proven innocent.	The man made a series of regrettable decisions because that night he was drunk.
3p [-humano]	The tower is called 'Torre della Specola' because in the 18th century [-] contained an astronomical observatory.	The vaccine was recalled because last week it caused many cases of severe allergic reactions.
Expletivo	The streets of Chicago are covered in a white blanket because yesterday [-] snowed all day.	All the farmers in the region are upset because this week it rained every day.

A tarefa de juízos de aceitabilidade incluía 3 itens para cada uma das 8 condições experimentais e 30 distratores, tendo um total de 54 itens. Adicionalmente, foram incluídos 6 itens de treino, destinados a familiarizar os participantes com o ritmo da tarefa, e três itens de atenção, em que a frase apresentada palavra

por palavra instruíu o participante a pressionar um determinado número de 1 a 5 para mostrar que estava atento. Todos os participantes incluídos no presente estudo responderam corretamente a todas as questões de atenção.

Em cada item da tarefa de juízos de aceitabilidade rápida, era inicialmente apresentado um ponto de fixação no centro do ecrã durante 1500 ms. Em seguida, a frase a ser avaliada surgia palavra por palavra, de forma não cumulativa, no centro do ecrã, a um ritmo fixo de 500 ms por palavra. Após a apresentação completa da frase, os participantes avaliavam a sua aceitabilidade numa escala de 1 a 5, sendo 1 correspondente a “totalmente inaceitável” e 5 a “totalmente aceitável”. Caso não soubessem como avaliar a frase, deveriam pressionar a tecla “N”. O ritmo de 500 ms por palavra foi estabelecido com base nos resultados de um teste-piloto que realizámos com um grupo de aprendentes de inglês L2 nos níveis considerados neste estudo, o qual indicou que esta janela temporal era suficiente para os participantes realizarem os processos normais de compreensão.

A tarefa de juízos de aceitabilidade rápida foi usada por dois motivos. Em primeiro lugar, Teixeira (2019) demonstrou que este tipo de tarefa é mais sensível às dificuldades dos aprendentes de inglês L2 com sujeitos do que uma tarefa sem pressão de tempo, como uma tarefa de produção induzida. Em segundo lugar, considerando que a omissão do sujeito em inglês é, em geral, objeto de correção explícita em contextos de ensino formal, contexto no qual os participantes deste estudo são expostos à língua, o recurso a uma tarefa com pressão de tempo é importante para limitar a influência de conhecimento linguístico explícito (i.e., conhecimento consciente de regras da língua) nas respostas dos participantes. Este tipo de conhecimento não está prontamente disponível para uso automático, envolvendo esforço de processamento e exigindo, portanto, tempo para ser usado (Hulstijn, 2005). Ao impor pressão de tempo, a tarefa de juízos de aceitabilidade rápida impede os participantes de refletirem sobre as frases e força-os a basearem as suas respostas essencialmente na sua intuição inicial (e.g., Bader & Häussler, 2010). Esta tarefa tem sido, por isso, validada por diversos estudos psicométricos como uma medida de conhecimento implícito (e.g., Bowles, 2011; Ellis, 2005; Ellis et al., 2009; Godfroid et al., 2015) ou, pelo menos, de conhecimento explícito automatizado (e.g., Kim & Nam, 2016; Suzuki & DeKeyser, 2017), i.e., conhecimento funcionalmente equivalente ao conhecimento implícito, mas que, ao contrário deste, não é completamente inconsciente.

3.2.3. Análise estatística

A análise estatística foi conduzida em R (versão 4.3.3), usando a função *lmer* do pacote *lme4* para aplicação dos modelos lineares de efeitos mistos, e o pacote *ggplot2* para a visualização dos dados. Optámos por realizar apenas análises estatísticas intragrupos, evitando comparações diretas com o grupo monolíngue, com o objetivo de contornar a chamada *comparative fallacy* (Bley-Vroman, 1983; White, 2003) — ou seja, a falha em reconhecer as interlínguas como sistemas autónomos, decorrente de uma ênfase excessiva na comparação direta entre aprendentes de L2 e falantes monolíngues. Seguindo White (2003), consideramos que uma abordagem mais adequada consiste em analisar se, dentro do mesmo grupo de L2, uma opção *a* (possível na língua-alvo) é tratada de forma significativamente diferente de uma opção *b* (impossível). Se tais distinções forem observadas, isto indica que a gramática da interlíngua representa a distinção relevante, ainda que o grau com que os aprendentes o manifestem possa divergir do observado nos falantes nativos. Além disso, as análises intragrupos permitem uma caracterização mais fina do desempenho dos aprendentes em cada nível, contribuindo para uma resposta mais precisa à questão de investigação.

Foram realizados três conjuntos de análises. No primeiro, para os dados de cada grupo, foi corrido um modelo linear de efeitos mistos, com *participantes* e *itens* especificados como efeitos aleatórios, e *tipo de sujeito* e *referencialidade* como efeitos fixos. Incluíram-se ainda declives aleatórios por participante para ambas as variáveis fixas, uma vez que são variáveis intrasujeito. No segundo conjunto de análises, para cada um dos quatro sujeitos testados (2.^a pessoa, 3.^a pessoa [+ humano], 3.^a pessoa [- humano], expletivo), foi analisado, em cada grupo, se os participantes distinguem entre sujeitos plenos e nulos. Para tal, aplicou-se um modelo linear de efeitos mistos, incluindo *participantes* e *itens* como efeitos aleatórios, *tipo de sujeito* como efeito fixo, e

declives aleatórios por participante para esta variável. Por fim, o terceiro conjunto de análises examinou possíveis diferenças entre sujeitos nulos com base na referencialidade, comparando, dentro de cada grupo, os vários tipos de sujeitos nulos. As comparações relevantes para o presente estudo são: 2p vs. 3p [+ humano]; 3p [+ humano] vs. 3p [- humano]; 3p [- humano] vs. expletivo; 2p vs. expletivo. Nesta análise, foi aplicado um modelo linear de efeitos mistos, com *participantes* e *itens* como efeitos aleatórios, *referencialidade* como efeito fixo, e declives aleatórios por participante para esta variável fixa.

Em todas as análises, a variável *tipo de sujeito* foi codificada contrastivamente, com os valores -.5 para sujeito nulo e .5 para sujeito pleno. A variável *referencialidade*, com quatro níveis, foi codificada usando codificação contrastiva simples (UCLA Statistical Consulting Citation, 2011), que compara cada nível da variável categórica com um nível de referência. No primeiro conjunto de análises, o nível de referência foi a 2.^a pessoa.

Como a função *lmer* apenas gera valores de *t*, usamos este valor como medida de significância estatística. Um efeito fixo foi considerado estatisticamente significativo sempre que o valor absoluto de *t* é igual ou superior a 2.00.

4. Resultados

Na tarefa de juízos de aceitabilidade rápida, o grupo de falantes nativos de inglês apresenta um efeito principal de tipo de sujeito, aceitando sujeitos pronominais plenos e rejeitando a sua omissão em todas as condições experimentais, conforme ilustrado na Figura 6 e na Tabela 3. Não se observam efeitos de referencialidade nem nenhuma interação entre este fator e o tipo de sujeito. Deste modo, a referencialidade não influencia a aceitabilidade de sujeitos em inglês nas gramáticas nativas.

Figura 6

Aceitação de Sujeitos Nulos e Plenos por Falantes Nativos de Inglês

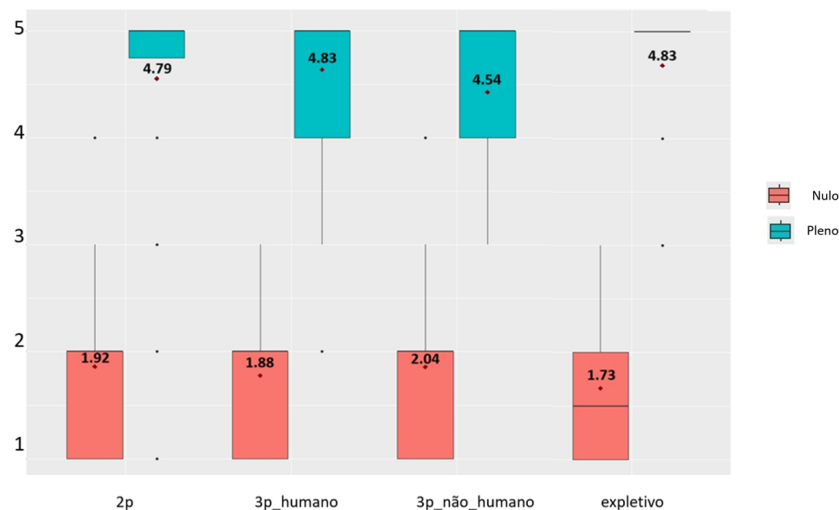


Tabela 3

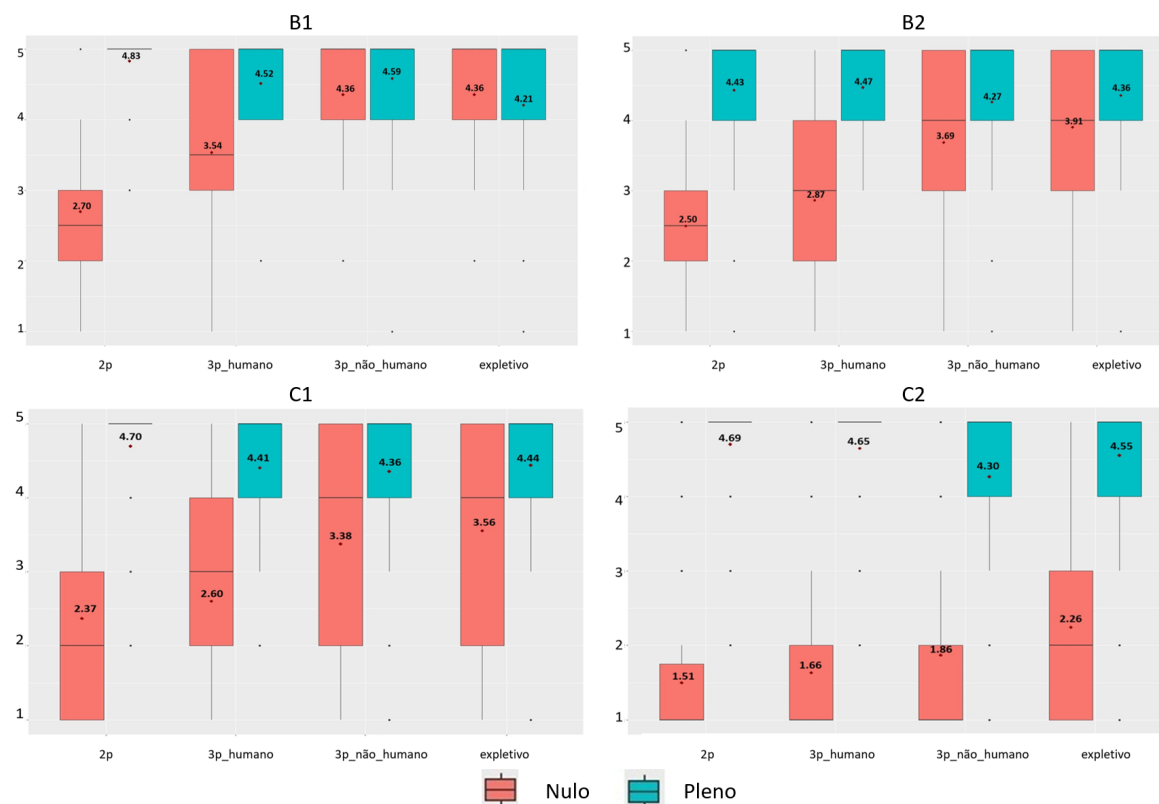
Resultados do Modelo Linear de Efeitos Mistos para o Grupo Nativo

	Estimativa	Erro Padrão	t
Tipo de sujeito	2.694	.328	8.214*
Referencialidade (2p vs. 3p_hum)	.0001	.149	.000
Referencialidade (2p vs. 3p_não_hum)	.0025	.164	.015
Referencialidade (2p vs. expl)	-.039	.161	-.244
Tipo de sujeito * Referencialidade (2p vs. 3p_hum)	.167	.258	.645
Tipo de sujeito * Referencialidade (2p vs. 3p_não_hum)	-.315	.315	-1.001
Tipo de sujeito * Referencialidade (2p vs. expl)	.311	.276	1.125

À semelhança dos falantes nativos, os aprendentes de inglês L2 exibem um efeito de tipo de sujeito em todos os níveis de proficiência. No entanto, diferentemente deles, revelam sensibilidade ao fator referencialidade na aceitação de sujeitos plenos e nulos em inglês. A influência deste fator varia em função do nível de proficiência, como ilustra a Figura 7.

Figura 7

Aceitação de Sujeitos Nulos e Plenos pelos Grupos de Aprendentes de Inglês L2



No nível B1, observa-se não só um efeito principal de tipo de sujeito, mas também uma interação significativa entre este fator e a referencialidade em todas as análises comparativas feitas (cf. Tabela 3). Verifica-se ainda um efeito principal de referencialidade, exceto na comparação entre sujeitos de 2.^a e 3.^a pessoas [+humanas]. As análises realizadas por condição revelam que, na presença de sujeitos humanos, os aprendentes de nível B1 preferem sujeitos pronominais plenos a nulos (2p: estimativa = 1.4250, EP = .3673, $t = 3.879$; 3p humano: estimativa = .9815, EP = .2772, $t = 3.541$), mas esta preferência não se verifica quando o sujeito é [-humano] ou expletivo. Nestes casos, não há diferenças significativas entre a aceitação de sujeitos nulos e plenos (3p não humano: estimativa = .2145, EP = .2822, $t = .76$; expletivo: estimativa = -.1200, EP = .5684; $t = -.2119815$). Por seu lado, a análise do subconjunto de respostas referentes aos sujeitos nulos indica que a sua aceitação no nível B1 varia de acordo com a referencialidade do sujeito: sujeitos nulos de 2.^a pessoa são menos aceites do que os de 3.^a pessoa [+humana] (estimativa = -.8283, EP = .3810, $t = -2.174$), que, por sua vez, são menos aceites do que os de 3.^a pessoa [-humana] (estimativa = -.8304, EP = .3031, $t = -2.74$). Não se observam diferenças entre sujeitos não humanos e expletivos (estimativa = -.09661, EP = .34966, $t = -.276$).

No nível B2, os aprendentes continuam a exibir efeitos principais de tipo de sujeito e de referencialidade, bem como uma interação significativa entre estes dois fatores (cf. Tabela 3). O fator referencialidade apenas deixa de ser estatisticamente relevante nas comparações entre sujeitos humanos de 2.^a e 3.^a pessoas. Nestas condições, ao contrário do observado no nível B1, os aprendentes de nível B2 não exibem diferenças na aceitação de sujeitos nulos, mantendo uma preferência consistente por sujeitos plenos. Diferentemente dos aprendentes de nível B1, os de B2 têm uma preferência por sujeitos plenos também na condição de 3.^a pessoa [-humana] (estimativa = .6445, EP = .3167, $t = 2.035$). No entanto, tal como no nível anterior, não se observa uma diferença significativa entre sujeitos plenos e nulos na condição de expletivo (estimativa = .4546, EP = .2873, $t = 1.582$). A análise restrita às respostas sobre sujeitos nulos mostra que, à semelhança dos aprendentes de nível B1, os de nível B2 exibem um efeito de animacidade na aceitação de sujeitos nulos referenciais de 3.^a pessoa, admitindo sujeitos nulos [-humanos] significativamente mais do que [+humanos] (estimativa = .7823, EP = .3383, $t = 2.312$). Também neste nível não se observa uma diferença significativa na aceitação de sujeitos nulos [-humanos] e expletivos (estimativa = -.2636, EP = .1971, $t = -1.338$).

Tabela 3*Resultados do Modelo Linear de Efeitos Mistos para os Grupos B1 e B2*

	B1			B2		
	Estimativa	Erro Padrão	<i>t</i>	Estimativa	Erro Padrão	<i>t</i>
Tipo de sujeito	2.1333	.3259	6.546*	1.9413	.2464	7.877*
Referencialidade (2p vs. 3p_hum)	.2587	.1659	1.560	.1877	.1454	1.290
Referencialidade (2p vs. 3p_não_hum)	.7030	.2324	3.025*	.4935	.1784	2.766*
Referencialidade (2p vs. expl)	.4597	.1841	2.496*	.6776	.1405	4.823*
Tipo de sujeito * Referencialidade (2p vs. 3p_hum)	-1.1330	.3692	-3.069*	-.2902	.2977	-.975
Tipo de sujeito * Referencialidade (2p vs. 3p_não_hum)	-1.9140	.3781	-5.063*	-1.2766	.3220	-3.964*
Tipo de sujeito * Referencialidade (2p vs. expl)	-2.2443	.3817	-5.879*	-1.4645	.3370	-4.345*

No nível C1, observa-se um efeito principal de tipo de sujeito e uma redução do efeito de referencialidade, que apenas se mantém significativo na comparação entre sujeitos de 2.^a pessoa e expletivos, os dois extremos da hierarquia da referencialidade (cf. Tabela 4). Há, ainda assim, uma interação significativa entre tipo de sujeito e referencialidade em todas as comparações, com exceção da que envolve sujeitos humanos de 2.^a e 3.^a pessoas. O grupo C1, à semelhança do B2, prefere claramente sujeitos plenos a nulos em todas as condições (todos os $t \geq 4.201$), exceto na de sujeito expletivo, em que a diferença entre sujeito pleno e nulo apenas se aproxima de significância estatística (estimativa = .8814, EP = .4880, $t = 1.806$). Tal como no nível B2, no C1, observa-se um efeito de animacidade na aceitação de sujeitos nulos de 3.^a pessoa, sendo os [- humanos] mais aceites do que os [+ humanos] (estimativa = .7609, EP = .2050, $t = 3.713$). Não se encontram diferenças na aceitação de sujeitos nulos expletivos e [- humanos] (estimativa = .1714, EP = .2341, $t = -.732$).

Por fim, no nível C2, o desempenho dos aprendentes aproxima-se do dos falantes nativos de inglês. Tal como eles, os aprendentes exibem um efeito robusto de tipo de sujeito (cf. Tabela 4), aceitando sujeitos plenos e rejeitando nulos em todas as condições, incluindo a de sujeito expletivo (estimativa = 2.2736, EP = .4152, $t = 5.476$). Além disso, não apresentam efeitos de referencialidade, apenas se registando uma interação significativa entre este fator e o tipo de sujeito na comparação entre sujeitos de 2.^a pessoa e expletivos (Tabela 4). Esta interação decorre do facto de os aprendentes rejeitarem de forma mais categórica sujeitos nulos de 2.^a pessoa do que expletivos nulos (estimativa = -.5949, EP = .2816, $t = -2.113$). Este é o único ponto de divergência relativamente ao grupo de controlo. Tal como este grupo, e ao contrário do que se verifica nos níveis anteriores, os aprendentes com nível C2 não exibem diferenças na aceitação dos diferentes tipos de sujeitos nulos de 3.^a pessoa (+ humano vs. - humano: estimativa = -.2120, EP = .2249, $t = -.943$; - humano vs. expletivo: estimativa = -.3956, EP = .3436, $t = -1.151$).

Tabela 4*Resultados do Modelo Linear de Efeitos Mistos para os Grupos C1 e C2*

	C1			C2		
	Estimativa	Erro Padrão	t	Estimativa	Erro Padrão	t
Tipo de sujeito	2.33092	.35538	6.559*	3.20370	.30814	10.397*
Referencialidade (2p vs. 3p_hum)	-.02257	.21922	-.103	.05704	.19519	.292
Referencialidade (2p vs. 3p_não_hum)	.33678	.26650	1.264	-.03467	.21316	-.163
Referencialidade (2p vs. expl)	.46132	.23387	1.973*	.31968	.22420	1.426
Tipo de sujeito * Referencialidade (2p vs. 3p_hum)	-.54262	.44683	-1.214	-.22520	.38991	-.578
Tipo de sujeito * Referencialidade (2p vs. 3p_não_hum)	-1.34458	.48126	-2.794*	-.61008	.39175	-1.568
Tipo de sujeito * Referencialidade (2p vs. expl)	-1.44772	.50190	-2.885*	-.93565	.42524	-2.200*

5. Discussão e conclusões

Os resultados do presente estudo demonstram que, ao contrário dos falantes nativos de inglês, os aprendentes portugueses de inglês L2 não evidenciam uma preferência clara por sujeitos pronominais plenos, nem rejeitam sistematicamente sujeitos nulos, o que está em linha com estudos anteriores que apontam para a existência de interferência persistente da L1 na aquisição de línguas de sujeito obrigatório por falantes de línguas de sujeito nulo (cf. Secção 2.2). O desempenho destes aprendentes é influenciado tanto pelo nível de proficiência na L2 quanto pelo fator referencialidade.

Relativamente à distinção entre sujeitos plenos e nulos, os nossos dados revelam que os aprendentes não são sensíveis a esta distinção quando os sujeitos são [-humanos] ou expletivos, que são justamente os mais próximos do extremo [-referencial] da HR. Este padrão de comportamento persiste para os sujeitos expletivos também nos níveis B2 e C1. Apenas no nível C2 se observa uma preferência clara por sujeitos plenos em detrimento de nulos, independentemente do seu valor referencial.

Quanto aos sujeitos nulos, observa-se que os aprendentes não têm um comportamento homogêneo nos diferentes níveis de proficiência. No nível B1, há um efeito da pessoa gramatical na aceitação de sujeitos nulos [+humanos]: os de 3.^a pessoa são mais aceites do que os de 2.^a pessoa, que ocupam uma posição mais próxima do extremo [+referencial] da HR. Esta diferença, no entanto, deixa de ser observada nos níveis seguintes, em que todos os tipos de sujeitos nulos [+humanos] são rejeitados. No caso dos sujeitos nulos referenciais de 3.^a pessoa, os dados dos níveis B1 a C1 revelam um efeito de animacidade: os sujeitos nulos [-humanos] são mais aceites do que os [+humanos], que, de acordo com a HR, têm maior grau de referencialidade. Em nenhum dos níveis testados foram observadas diferenças significativas entre sujeitos nulos de 3.^a pessoa [-humano] e sujeitos expletivos.

Em conjunto, estes resultados indicam que o conhecimento de que o sujeito pronominal pleno é a única forma aceitável em inglês é adquirido tardiamente, havendo atrasos de desenvolvimento particularmente no caso dos sujeitos expletivos, localizados no polo [-referencial] da HR. Os resultados mostram ainda que, nas interlínguas, a eliminação de sujeitos nulos e a consequente substituição por sujeitos realizados ocorrem de forma gradual, segundo a seguinte escala: 2.^a pessoa > 3.^a pessoa [+ humano] > 3.^a pessoa [- humano] > expletivo. Assim, a reestruturação das gramáticas de L2 progride do extremo [+referencial] para o extremo [-referencial] da HR.

Uma questão suscitada por estes resultados diz respeito à possível relação entre a produtividade das formas nulas na L1 e a sua persistência na L2: será que as formas nulas mais difíceis de eliminar no inglês L2 são precisamente aquelas que são mais produtivas na L1? Por outras palavras, estará a influência da L1 na base do papel desempenhado pela referencialidade?

Em PE, os dados disponíveis indicam que os sujeitos nulos de 1.^a e 2.^a pessoas podem ocorrer na maioria dos contextos sem restrições, como no exemplo (3), enquanto sujeitos nulos de 3.^a pessoa só são legítimos se existir um referente no contexto situacional ou um antecedente linguístico acessível no contexto discursivo que permitam recuperar o antecedente do sujeito nulo (Lobo, 2013), como mostra o contraste entre (4a) e (4b). Além disso, a alternância entre sujeitos de 3.^a pessoa nulos e plenos não parece ser sensível à animacidade do antecedente: o sujeito nulo recupera antecedentes na posição de sujeito, enquanto o pleno retoma antecedentes na posição de objeto, independentemente dos traços de animacidade, como se mostra em (5) (Fiéis et al., 2022).

(3) Vou à praia.

(4a) ?Vai à praia.

(4b) O João está todo contente. Vai à praia.

(Lobo, 2013, p. 2331)

(5a) O menino_i viu o brinquedo quando [-]_i caiu da cadeira.

(5b) O menino viu o brinquedo_i quando ele_i caiu da cadeira.

(Fiéis et al., 2022, p. 9)

Deste modo, o desempenho dos aprendentes portugueses de inglês L2 com sujeitos nulos não pode ser explicado apenas com base na influência da L1. A HR parece orientar a reestruturação das interlínguas, mesmo quando os traços relevantes desta hierarquia, como a animacidade, não são determinantes para a alternância entre formas nulas e expressas na L1.

Em conclusão, os nossos resultados revelam semelhanças entre a mudança diacrónica (a partir do PB) e a aquisição de L2 (nos pares inglês L2 – PE L1). Nos dois casos, as mudanças que envolvem sujeitos nulos não ocorrem de forma abrupta, mas sim gradualmente, orientadas por um princípio subjacente comum — a referencialidade. Tal como predito pela HR e a Hipótese do Mapeamento Implicacional, quanto menor a referencialidade, maior a possibilidade de ocorrência de uma forma nula. Verifica-se ainda que, tanto na mudança diacrónica como na aquisição de L2, uma variante nula num determinado ponto da HR implica a possibilidade de variantes nulas à sua esquerda.

Assim, os resultados sugerem que a referencialidade pode orientar o desenvolvimento linguístico relativo à pronominalização em diferentes contextos. De forma mais ampla, os dados reforçam a proposta de Meisel (2011) no sentido de uma abordagem integrada do desenvolvimento linguístico, demonstrando que fenómenos tradicionalmente estudados de forma separada — como a aquisição de L2 e a mudança linguística — podem envolver mecanismos comuns de reestruturação gramatical.

Financiamento

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/03213 – Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL).

Referências

- Al-Kasey, M., & Pérez-Leroux, A. T. (1998). Second language acquisition of Spanish null subjects. In Flynn, S., Martohardjono, G. & O'Neil, W. (Eds.), *The generative study of second language acquisition* (pp. 161–185). Routledge.
- Ariel, M. (1990). *Accessing antecedents*. Routledge.
- Ariel, M. (2001). Accessibility theory: An overview. In T. Sanders, J. Schilperoord, & W. Spooren (Eds.), *Text representation: Linguistic and psycholinguistic aspects* (pp. 29–87). John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/hcp.8.04ari>
- Bader, M., & Häussler, J. (2010). Toward a model of grammaticality judgments. *Journal of Linguistics*, 46(2), 273–330. <https://doi.org/10.1017/S0022226709990230>
- Ballester, E. P. (2013). Adult instructed SLA of English subject properties. *Canadian Journal of Linguistics/Revue Canadienne de Linguistique*, 58(3), 465–486. <https://doi.org/10.1017/S0008413100002668>
- Barbosa, P., Duarte, M. E., & Kato, M. (2005). Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4, 11–52.
- Belletti, A., Bennati, E., & Sorace, A. (2007). Theoretical and developmental issues in the syntax of subjects: Evidence from near-native Italian. *Natural Language & Linguistic Theory*, 25(4), 655–689. <https://doi.org/10.1007/s11049-007-9020-6>
- Bley-Vroman, R. (1983). The comparative fallacy in interlanguage studies: The case of systematicity. *Language Learning*, 33(1), 1–17. <https://doi.org/10.1111/j.1467-1770.1983.tb00983.x>
- Bowles, M. A. (2011). Measuring implicit and explicit linguistic knowledge: What can heritage language learners tell us? *Studies in Second Language Acquisition*, 33(2), 247–271. <https://doi.org/10.1017/S0272263110000722>
- Conselho da Europa. (2001). *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, teaching, assessment*. Cambridge University Press.
- Conselho da Europa. (2020). *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, teaching, assessment. Companion volume with new descriptors*. Council of Europe Publishing. <https://www.coe.int/en/web/common-european-framework-reference-languages>
- Cyrino, S., Duarte, E., & Kato, M. (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In Kato, M. & Negrão, E. (Eds.), *Brazilian Portuguese and the null subject parameter* (pp. 55–73). Iberoamericana.
- Donaldson, B. (2022). Connecting language change with second language acquisition. In Geslin, K. (Ed.), *The Routledge handbook of second language acquisition and sociolinguistics* (pp. 174–185). Routledge.
- Duarte, I., & Silva, M.C.F. (2016). The Null Subject Parameter and the structure of the sentence in European and Brazilian Portuguese. In W. Wetzels, J. Costa, & S. Menuzzi (Eds.), *The handbook of Portuguese linguistics*. Wiley Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781118791844.ch13>
- Duarte, M. E. (1995). *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. [Tese de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Brasil].
- Duarte, M. E. L., & Varejão, F. (2013). Null subjects and agreement marks in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 12(2), 101–123.
- Duarte, M. E., Mourão, G., & Mendonça, H. (2012). Os sujeitos de terceira pessoa: Revisitando Duarte (1993). In M. E. Duarte (Ed.), *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): Estudos diacrônicos* (pp. 21–44). Parábola Ed.

- Ellis, R. (2005). Measuring implicit and explicit knowledge of a second language: A psychometric study. *Studies. Second Language Acquisition*, 27(2), 141–172. <https://doi.org/10.1017/S0272263105050096>
- Ellis, R., Loewen, S., & Erlam, R. (2009). Implicit and explicit knowledge in second language learning, testing and teaching. In R. Ellis, S. Loewen, & R. Erlam (Eds.), *Implicit and explicit knowledge in second language learning, testing and teaching* (pp. 3–25). Multilingual Matters.
- Fiéis, A., Madeira, A., & Teixeira, J. (2022). Microvariation in the resolution of pronominal subjects in Romance: European Portuguese vs. Italian. *Isogloss. Open Journal of Romance Linguistics* 8(5), 1–20. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/isogloss.220>
- Fukumura, K. & van Gompel, R. P. G. (2010). The effect of animacy on the choice of referring expression. *Language and Cognitive Processes*, 26(10), 1472–1504. <https://doi.org/10.1080/01690965.2010.506444>
- Godfroid, A., Loewen, S., Jung, S., Park, J.-H., Gass, S., & Ellis, R. (2015). Timed and untimed grammaticality judgments measure distinct types of knowledge: Evidence from eye-movement patterns. *Studies in Second Language Acquisition*, 37(2), 269–297. <https://doi.org/10.1017/S0272263114000850>
- Hulstijn, J. H. (2005). Theoretical and empirical issues in the study of implicit and explicit second-language learning. *Studies in Second Language Acquisition*, 27(2), 129–140. <https://doi.org/10.1017/S0272263105050084>
- Judy, T. (2011) L1/L2 parametric directionality matters: More on the Null Subject Parameter in L2 acquisition. *EUROSLA Yearbook*, 1, 165–190.
- Judy, T., & Rothman, J. (2010). From a superset to a subset grammar and the semantic compensation hypothesis: Subject pronoun and anaphora resolution evidence in L2 English. In *BUCLD 34: Proceedings of the 34th annual Boston University Conference on Language Development* (pp. 197–208). Cascadia Press.
- Kato, M. A., & Duarte, M. E. L. (2014). Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, 18(1), 1–22.
- Kim, J., & Nam, H. (2016). Development of implicit and explicit knowledge in L2 syntax: The role of age and working memory. *Language Learning*, 66(2), 355–389. <https://doi.org/10.1111/lang.12150>
- Liceras, J. M. (1989). On some properties of the “pro-drop” parameter: looking for missing subjects in non-native Spanish. In Gass, S. M. & Schachter, J. (Eds.), *Linguistic perspectives on second language acquisition* (pp. 109–133). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139524544.009>
- Lobo, M. (2013). Sujeito nulo: sintaxe e interpretação. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 2, pp. 2309–2335). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lozano, C. (2006). Focus and split intransitivity: The acquisition of word order alternations in non-native Spanish. *Second Language Research*, 22(2), 145–187. <https://doi.org/10.1191/0267658306sr265oa>
- Meisel, J. (2011). Bilingual language acquisition and theories of diachronic change: Bilingualism as cause and effect of grammatical change. *Bilingualism: Language and Cognition*, 14, 121–145. <https://doi.org/10.1017/S1366728910000143>
- Morgado, S., Luegi, P., & Lobo, M. (2018). Efeitos de animacidade do antecedente na resolução de pronomes sujeito. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 4, 190–205. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln4ano2018a40>
- Peirce, J. W., Gray, J. R., Simpson, S., MacAskill, M., Höchenberger, R., Sogo, H., Kastman, E., & Lindeløv, J. K. (2019). PsychoPy2: Experiments in behavior made easy. *Behavior Research Methods*, 51(1), 195–203. <https://doi.org/10.3758/s13428-018-01193-y>
- Pérez-Leroux, A. T., & Glass, W. R. (1999). Null anaphora in Spanish second language acquisition: Probabilistic versus generative approaches. *Second Language Research*, 15(2), 220–249. <https://doi.org/10.1191/026765899676722648>
- Prentza, A., & Tsimpli, I. (2013). The interpretability of features in second language acquisition: Evidence from null and postverbal subjects in L2 English. *Journal of Greek Linguistics*, 13, 323–365.

- Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian syntax*. Foris Publications.
- Rothman, J. (2009). Pragmatic deficits with syntactic consequences?: L2 pronominal subjects and the syntax–pragmatics interface. *Journal of Pragmatics*, 41(5), 951–973. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2008.07.007>
- Rothman, J., & Iverson, M. (2007). The syntax of null subjects in L2 Spanish: Comparing two L1–L2 groups. In *BUCLD 31: Proceedings of the 31st Boston University Conference on Language Development* (pp. 531–542). Cascadia Press.
- Sorace, A., & Filiaci, F. (2006). Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research*, 22(3), 339–368. <https://doi.org/10.1191/0267658306sr271oa>
- Suzuki, Y., & DeKeyser, R. (2017). The interface of explicit and implicit knowledge in a second language: Insights from individual differences in cognitive aptitudes. *Language Learning*, 67(4), 747–790. <https://doi.org/10.1111/lang.12241>
- Teixeira, J. (2019). From a Romance null subject grammar to a non-null subject grammar: The syntax of pronominal subjects in advanced and near-native English. In I. Feldhousen, M. Elsig, I. Kuchenbrandt & M. Neuhaus (Eds.), *Romance languages and linguistic theory 15: Selected papers from 'Going Romance' Frankfurt 2016* (pp. 256–274). John Benjamins.
- UCLA Institute for Digital Research and Education. (2011). *Dummy coding in regression*. UCLA Statistical Consulting Group. <https://stats.oarc.ucla.edu/r/library/dummy-coding-in-regression/>
- White, L. (1985). The “pro-drop” parameter in adult second language acquisition. *Language Learning*, 35(1), 47–61. <https://doi.org/10.1111/j.1467-1770.1985.tb01014.x>
- White, L. (2003). *Second language acquisition and universal grammar*. Cambridge University Press.